Aliados não se entendem sobre alcance de operação

Derrubar Gaddafi não é meta, dizem militares; para políticos, é necessário

EUA tentam manter o apoio dos seus aliados no mundo árabe; Líbia acusa coalizão de matar civis em ataque a Sirte

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

O terceiro dia de ataques da coalizão liderada por EUA, França e Reino Unido às forças do ditador líbio Muammar Gaddafi foi marcado por desentendimentos sobre o alcance da operação dentro da própria aliança.

Chefes militares, como o americano Carter Ham e o britânico David Richards, afirmaram que a ação não tem Gaddafi como alvo —ambos ressaltaram que o objetivo fixado pela resolução da ONU é a proteção de civis.

No entanto, o ministro da Defesa do Reino Unido, Liam Fox, disse que a derrubada de Gaddafi —cujo paradeiro é desconhecido— está de acordo com a resolução se se constatar que o ditador está ameaçando a vida de civis.

Essa ideia foi reforçada pelo porta-voz do premiê David Cameron ao destacar o trecho que fala em tomar "todas as medidas necessárias". No Parlamento inglês, Cameron afirmou que os ataques evitaram um "massacre" em Benghazi, a capital dos rebeldes.

Em entrevista no Chile, o presidente dos EUA, Barack Obama, declarou que a ação deve ser mantida dentro dos limites determinados pelas Nações Unidas, mas voltou a dizer que Gaddafi deve sair.

A discussão tem implicações no mundo árabe, onde se teme que a missão vá além da zona de exclusão aérea e adote como objetivo principal a derrubada do regime.

Clientes disso, os EUA tentam manter o apoio dos aliados árabes. Obama telefonou para o rei Abdullah, da Jordânia; seu vice, Joe Biden, falou a líderes de Argélia e Kuait.

Também não há clareza sobre quem chefiará as operações. No Chile, Obama disse que os EUA pretendem transferir o comando a aliados "em questão de dias".

Reunião da Otan (aliança militar ocidental) ontem em Bruxelas, porém, terminou em impasse: a Turquia, que integra a aliança, se opõe à ação, e não houve acordo sobre quem deve comandá-la.

NOVOS ATAQUES

Ontem à noite, relatos davam conta de novos ataques a Trípoli. O governo líbio acusou a coalizão de matar civis em bombardeios a portos e ao aeroporto de Sirte, terra de Gaddafi. Até a conclusão desta edição, não havia detalhes sobre o total de mortos.

Militares americanos, por sua vez, disseram que os avanços dos governistas sobre Benghazi e Ajdabiyah foram contidos pelos ataques. Segundo moradores de Misrata, forças pró-Gaddafi alvejaram pessoas desarmadas, matando ao menos nove.

› RÚSSIA

PUTIN DIVERGE DE MEDVEDEV SOBRE ATAQUE

Aliados, Vladimir Putin e Dmitri Medvedev, premiê e presidente da Rússia, divergiram sobre a Líbia. Putin chamou a ação militar de "convocação para uma cruzada", insinuando caráter religioso; para Medvedev, o termo "cruzada" é "inaceitável". O país terá eleições em 2012 e ambos podem ser concorrentes.

Rebeldes líbios agitam bandeira antiga do país, banida pelo ditador Muammar Gaddafi, em Benghazi, capital insurgente

Rebeldes esperam mais ações estrangeiras

Combates com forças leais a Muammar Gaddafi se concentram na cidade de Ajdabiyah

SAMY ADGHIRNI
ENVIADO ESPECIAL A ZWETYNA (LÍBIA)

Repelidas da capital rebelde, Benghazi, tropas do ditador Muammar Gaddafi ganharam novo fôlego ao impor ontem resistência e baixas aos combatentes insurgentes, que pedem mais bombardeios internacionais contra alvos governistas.

A queda de braço entre insurgentes apoiados política e militarmente pelas potências aliadas e o Exército líbio se concentra em Ajdabiyah, cidade a 150 km de Benghazi.

Combatentes rebeldes que tentavam retomar Ajdabiyah, onde o Exército montou posições após recuar do avanço a leste no domingo, foram recebidos a tiros de canhão e disparos de foguetes.

Após bater em retirada, eles improvisaram uma base na beira da estrada à altura da aldeia de Zwetyna.

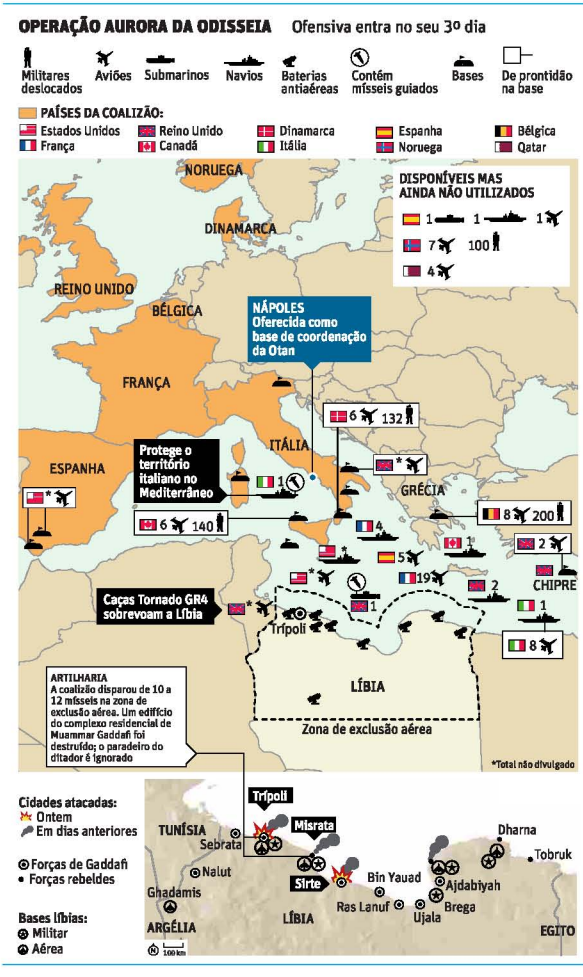
No local, onde a **Folha** esteve ontem, centenas de combatentes, a maioria jovens civis à paisana armados com fuzis Kalashnikov saqueados de bases militares, perambulavam, à espera de ordens superiores. Também havia dezenas de moradores, impedidos de voltar para casa por causa dos combates.

A cada instante, rebeldes a bordo de veículos voltavam a Zwetyna após fracassar em furar a barreira governista em Ajdabiyah. Os acessos estariam sob total controle das tropas de Gaddafi.

Carros traziam feridos, que eram recebidos pelo Crescente Vermelho. Casos mais graves eram encaminhados a hospitais de Benghazi.

O número de mortos variava entre um e nove. Segundo relatos de quem voltava do front, as ruas de Ajdabiyah estão cheias de corpos que não podem ser recolhidos.

"Saí de Benghazi achando que poderia entrar em Ajdabiyah para ajudar os feridos, mas a situação continua tensa", disse Hatem Hodairy, do Crescente Vermelho.



Carcaças de tanques viram ponto turístico

DO ENVIADO A BENGHAZI (LÍBIA)

Em um poeirento descampado de beira de estrada 30 km a oeste de Benghazi, jazem dezenas de carcaças queimadas e retorcidas de blindados do Exército líbio.

É o que restou da imensa coluna de tanques e caminhões que pretendia invadir o bastião rebelde de Benghazi, mas acabou destroçada no domingo por bombardeios de caças franceses.

O lugar desde então se transformou numa espécie de ponto turístico do nacionalismo insurgente, símbolo da parceria entre forças rebeldes e potências ocidentais para acabar com Gaddafi.

Ontem, havia tanta gente querendo visitar o cenário do ataque que carros formavam um engarrafamento de quase 1 km na chegada ao local.

Centenas de pessoas, inclusive famílias com crianças, circulavam com misto de espanto e euforia entre imensas peças de blindados e manchas de cinzas que cobriam vários metros quadrados. Muitos subiam nos restos de tanques para tirar fotos, fazendo o V da vitória.

"Esses veículos estavam prestes a atacar minha cidade. Teria sido um massacre. Me dá um imenso alívio ver isso aqui, sou muito grato à França", disse o engenheiro Mohamed Bachir, 50, que levou cunhado e sobrinho para passear nos escombros.

O cheiro de queimado seguia forte, e alguns destroços ainda queimavam. No chão havia pedaços de roupa ensanguentados. Dezenas de corpos de soldados que morreram no ataque haviam sido retirados anteontem. (SA)

ANÁLISE

Texto da ONU autoriza alvejar Gaddafi, defendem advogados

OWEN BOWCOTT
DO "GUARDIAN"

Alvejar Muammar Gaddafi e seu alto comando militar é permissível sob os termos da resolução do Conselho de Segurança da ONU, segundo advogados internacionais.

Mas a mudança de regime na Líbia —o desejo último da maioria dos países que aprovou a moção— não é objetivo especificado em nenhum dos 29 pontos do texto da ONU.

Se isso acontecer, será um subproduto da intervenção.

A frase-chave na resolução 1.973 da ONU, "tomar todas as medidas necessárias (...) para proteger civis e áreas povoadas por civis sob ameaça de ataque", autoriza aos Estados participantes alguma margem para decidir o que é militarmente possível.

As ambiguidades provocadas por uma formulação tão pouco precisa poderão até mesmo ter sido intencionais.

"Às vezes as resoluções da ONU são pouco claras de propósito", diz Anthony Aust, ex-assessor da Chancelaria britânica que ajudou a redigir o texto sobre o Kuait.

Philippe Sands, professor de direito no University College London, crê que o líder líbio corre risco pessoal.

"A autorização de 'todas as medidas necessárias' é ampla e parece permitir que Gaddafi seja alvejado", ele escreveu no "Guardian".

E já há uma divisão política em relação à interpretação feita da resolução da ONU.

O Reino Unido contempla a possibilidade de lançar ataques diretos contra o líder líbio, com o argumento de que ele está por trás das ordens para atacar civis no país.

Mas o secretário de Defesa dos EUA, Robert Gates, pareceu ter uma visão mais restrita dos termos da resolução.

"Se começarmos a acrescentar objetivos adicionais, acho que criaremos um problema", disse o secretário.

Tradução de CLARA ALLAIN

Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 22 mar. 2011, Primeiro Caderno, p. A14.